

CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL EM JOSUÉ DE CASTRO: UMA LEITURA ATUAL.¹

Adriano Lopes Saraiva*
Leonardo Guilherme Luz Aragão*
Júlio César Souza Chagas*

RESUMO: Pensar em desenvolvimento sustentável é preocupar-se com as necessidades do presente sem comprometer a satisfação das necessidades das gerações futuras. A partir da leitura da obra de Josué de Castro, este artigo discute o conceito de desenvolvimento sustentável em suas diversas concepções, buscando subsídios para promover discussões teóricas sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento sustentável; Josué de Castro; Sociedade; Natureza; Geografia Social.

Apresentando a obra de Josué de Castro

Falar da obra de Josué de Castro torna-se um grato prazer quando percebemos que sua preocupação sempre esteve ligado ao humano. O homem esteve sempre no centro de suas análises e de suas obras. Na atualidade, a leitura da obras de Castro nos mostra que o discurso ali contido, ainda é atual. Perdura ainda no início do século XXI os mesmos quadros de pobreza e miséria descritos e combatidos nas obras de Castro.

Josué de Castro procurou desenvolver uma ciência, a partir do fenômeno do subdesenvolvimento, que é a fome. Tentou criar uma teoria explicativa para a triste realidade do subdesenvolvimento, da pobreza e da miséria. O que foi iniciado com a publicação em 1946 da primeira edição de Geografia da Fome. O que significou nas

¹ Artigo Apresentado como conclusão da Disciplina Geografia Social, ministrada pelo prof. Dr. Josué da Costa Silva – Dep. de Geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

*Acadêmicos do 8º período de geografia da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

palavras de Homero Homem “*livro que vai ficar pelo seu milagre de clareza e rigor científico, pelo seu duplo significado de mensagem ao nosso povo e aos homens que governam*” (Jornal do Brasil – Rio de Janeiro, s/d).

A obra de Josué de Castro é profundamente humana e universal, elaborada acima de posições partidárias e das intolerâncias políticas. A preocupação com a situação da população pobre, expulsa das áreas agrícolas do interior e mal localizadas no Recife, aguçou o interesse do jovem médico pelo problema social, levando-o a dedicar parte do seu tempo na análise do problema da população de baixa renda.

Ampliando sua atenção como médico, político e professor universitário passou a pensar em escala nacional. Com isso, o crescimento da produção científica de Castro foi considerável, começando com ensaios detalhista como “Geografia da Fome”, passando para obras em que analisou a fome em escala mundial. Como exemplos desta fase temos “Geopolítica da fome” e “Livro Negro da Fome”.

Sendo um cientista com sensibilidade social, Castro trabalhou com visão aberta a interdisciplinaridade. Partiu de uma análise biológica e médica do problema alimentar para uma visão geográfica, sociológica e política. Rompeu as falsas fronteiras que o positivismo havia criado entre as várias áreas do conhecimento científico e tornou-se um grande geógrafo, um dos maiores da geografia brasileira.

Na atualidade em que vivemos, onde temos dificuldades de distinguir o nacional do internacional, onde o processo em marcha da chamada “globalização”, reorienta de forma mais intensa a ação do capital, o pensamento de Castro ganha importância, já que desde os anos 50 ele já dizia que não se podia separar o problema do Brasil da problemática mundial e que se deveria procurar uma solução tanto em escala nacional, como mundial.

O tema mais recorrente das obras de Castro é a fome, que para ele é a expressão biológica de males sociológicos. É um fenômeno de caráter mundial que não assola apenas regiões como o nordeste ou a Amazônia brasileira, está presente em todos os continentes em todos os países. Há várias causas para que se ocorra fome, o mais claro e evidente é a má distribuição de renda, que faz com que grande parte da população não tenha as mínimas condições de comprar seus alimentos.

Castro caracteriza duas maneiras de morrer de fome: não comer nada e definhar de maneira vertiginosa até o fim, ou comer de maneira inadequada e entrar em um regime de carências ou deficiências específicas, capaz de provocar um

estado que pode também conduzir a morte. Mais grave ainda que a fome aguda e total, devido as suas repercussões sociais e econômicas, é o fenômeno da fome crônica ou parcial que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo.

As principais obras de Josué de Castro são: Geografia da Fome, Geopolítica da Fome, Ensaios de Geografia Humana, Sete Palmas de terra e um caixão, Ensayos sobre el Sub-desarrollo, Siglo Veinte, adonde va la América Latina?, Homens e Caranguejos, A explosão demográfica e a fome no mundo, Fome um tema proibido, Documentários do Nordeste, entre outros.

Concepções de desenvolvimento e o desenvolvimento sustentável

Ao lermos a obra de Castro e suas críticas construídas desde a década de 40, podemos enfatizar que o desenvolvimento só ocorrerá se, houver grandes mudanças na estrutura da sociedade, em especial na distribuição justa de renda. A concentração abusiva de riqueza é fator determinante para a expansão desequilibrada. Assim, esta tremenda desigualdade social entre os povos divide economicamente o mundo em duas faces distintas: o mundo dos ricos e o mundos dos pobres, o mundo dos países desenvolvidos e industrializados, e o mundo dos países proletários e subdesenvolvidos. Tais concepções são de uma atualidade impressionante, pois a estrutura social que Castro criticava desde a década de 40 não mudou, por isso ela é ainda atual.

Este fosso econômico divide ainda hoje a humanidade em dois grupos que se entendem com dificuldade, o grupo dos que não comem. Constituído por dois terços da humanidade, e que habitam as áreas subdesenvolvidas do mundo, e o grupo dos que não dormem, que é o terço restante dos países ricos. E que não dormem com receio da revolta dos que não comem.

Igualmente é falso considera Castro, o conceito de desenvolvimento avaliado unicamente a base da expansão da riqueza material, do crescimento econômico. O desenvolvimento implica mudanças sociais sucessivas e profundas que acompanham inevitavelmente as transformações tecnológicas do contorno natural. O conceito de desenvolvimento não é meramente quantitativo, mas compreende os aspectos qualitativos dos grupos humanos a que concerne. Crescer é uma coisa, desenvolver é outra. Crescer é em linhas gerais é fácil. O difícil é equilibrar as duas

coisas, crescer com justiça social desenvolvendo todos os setores econômicos e sociais.

MENDES assim define desenvolvimento:

“como a criação de condições tendentes à produção do ser humano em sua integridade. É, portanto, um processo e o sucesso resultante. Incorpora objetivos, destina-se a certos fins. E o desenvolvimento econômico e material é vista como um elemento importante, mas em si insuficiente, para a promoção do desenvolvimento humano” (1998, p. 54)

Com base nessa perspectiva, as discussões atuais colocam para o desenvolvimento humano o respeito à natureza e dos elementos que dela fazem parte. Assim, recai-se no conceito de um desenvolvimento que respeite o meio ambiente e o homem. Um desenvolvimento que busque o equilíbrio entre os diversos elementos da natureza e da sociedade, estamos falando de um conceito que vem sendo adotado e denomina-se *desenvolvimento sustentável*.

Para a CMMAD (Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento) o desenvolvimento sustentável é o “*desenvolvimento que satisfaz às necessidades da geração presente sem comprometer as possibilidades das futuras gerações em satisfazer suas necessidades*” (1991).

Tal definição contém dois conceitos-chave:

I. O conceito de “necessidades”, sobretudo as necessidades essenciais dos pobres do mundo que devem receber a máxima prioridade;

II. A noção das limitações que o estágio da tecnologia e da organização social impõe ao meio ambiente, impedindo-o de atender as necessidades presentes e futuras.

Em seu sentido mais amplo, a estratégia do desenvolvimento sustentável visa promover a harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza. No contexto específico das crises do desenvolvimento e do meio ambiente surgidas nos anos 80, que as atuais instituições políticas e econômicas nacionais e internacionais ainda não conseguiram e talvez não conseguirão superar, a busca do desenvolvimento sustentável requer, segundo o Relatório Budtland de 1998:

- Um sistema político que assegure a efetiva participação dos cidadãos no processo decisório;

- Um sistema econômico capaz de gerar excedentes técnicos em bases confiáveis e constantes;
- Um sistema social que possa resolver as tensões causadas por um desenvolvimento não equilibrado;
- Um sistema de produção que respeite a obrigação de preservar a base ecológica do desenvolvimento;
- Um sistema tecnológico que busque constantemente novas soluções;
- Um sistema internacional que estimule padrões sustentáveis de comércio e financiamento;
- Um sistema administrativo flexível e capaz de autocorrigir-se.

Assim, o desenvolvimento sustentável:

“... seria então, o desenvolvimento que, ao contrário das concepções tradicionais, pressupõe uma forma de viver e agir, em que a finalidade da produção e do consumo é proporcionar o bem-estar da maioria da população, provocar um impacto maior no meio ambiente, através de novas formas de conhecimento sobre a relação homem/natureza.” (FIGUEIREDO, 1999, p. 39)

Tal conceito mostra-se como uma alternativa as teorias e aos modelos tradicionais de desenvolvimento, buscando uma harmonia entre os elementos constituintes da natureza e da sociedade. A proposta constrói-se sobre uma crítica ao processo de desenvolvimento tradicional que provocou intensos impactos, seja na migração, na instalação de grandes projetos econômicos e de infra-estrutura, queimadas, etc.

Em se tratando de Amazônia, o modelo que combina modernização econômica com pobreza e desigualdade social e com destruição do meio ambiente, exige uma definição por parte de alguns segmentos da sociedade e do poder público caminhos e alternativas que busquem amenizar e resolver essas situações.

A estratégia seria então, implementar um modelo racional de aproveitamento econômico, conservação e reprodução auto-sustentada, que aliasse alternativas tecnológicas e de organização dos atores sociais. Um modelo capaz de reorientar as de investimento para a região e para o restante do país.

Considerações finais

O que se pode concluir é que Castro foi um exemplo de homem público e de cientista, que não se negou aos combates pela modernização do país, pelas campanhas de diminuição das diferenças sociais entre as pessoas e as classes, assim, como pela apresentação de soluções para uma visão e uma preocupação com os problemas regionais, nacionais e internacionais.

Ele era um cidadão brasileiro com uma visão e uma preocupação com o problemas mundiais e um cidadão do mundo que lutava e se arriscava em defesa das transformações da sociedade brasileira dentro de critérios racionais e populares.

Suas análises permanecem atuais, na medida que ainda retrata uma realidade comum em noticiários e jornais. A miséria e fome ainda hoje estão entre os males do subdesenvolvimento. Sua contribuição é decisiva tanto, para os estudiosos dos problemas brasileiros como para planejadores e administradores que necessitam equacionar e resolver problemas que afligem não apenas o país, mas também o restante do mundo. É conveniente um toque de otimismo, lembrando que as crises podem ser processos de um “parto” de uma sociedade melhor.

E para não esquecer, só há um tipo de verdadeiro desenvolvimento: o *desenvolvimento humano*. O ser humano como fator de desenvolvimento, o ser humano beneficiário do desenvolvimento. E o cérebro humano a fábrica de desenvolvimento. É a vida humana que deve desabrochar pela utilização dos produtos postos à sua disposição pelo desenvolvimento.

Bibliografia

ANDRADE, Manuel Corrêa de. *A questão do território no Brasil*. Editora IPPSPE: Hucitec, São Paulo/Recife, 1995.

BRUSEKE, Franz Josef. O problema do desenvolvimento sustentável. IN: CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Cortez: Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1998. p. 29-40.

CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.

_____. *Documentários do Nordeste*. Livraria Olympio, Rio de Janeiro, 1937.

_____. *Sete palmos de terra e um caixão*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1965.

_____. *Homens e caranguejos*. Porto, Brasília, 1967.

_____. *Geopolítica da fome*. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1951.

_____. *O livro negro da fome*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1957.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Cortez: Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1998.

CAVALCANTI, Clóvis. Sustentabilidade da economia: paradigmas alternativos de realização econômica. IN: CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Cortez: Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1998. p. 153-176.

Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD. *Nosso futuro comum*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. *Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia*. Belém: NAEA;UFPA, 1999.

KITAMURA, Paulo Choji. *A Amazônia e o desenvolvimento sustentável*. Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994.

MEMDES, Armando Dias. Envolvimento e desenvolvimento: introdução a simpatia de todas as coisas. IN: CAVALCANTI, Clóvis (org.). *Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável*. Cortez: Recife, Fundação Joaquim Nabuco, 1998. p. 54-76.

NASCIMENTO SILVA, Maria das Graças Silva. Construindo cidadania a partir do desenvolvimento local sustentável e integrado. IN: AMARA, J. *et. all*. Pesquisa na Amazônia: intervenção para o desenvolvimento. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001. p. 143-152.